

## A HIDROGRAFIA NA TRAJETÓRIA DE RIOBALDO EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”<sup>1</sup>

MSc. CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão<sup>2</sup>

**Resumo:** Na narrativa de Grande Sertão: veredas percebe-se a grande importância da hidrografia revelando os caminhos percorridos por Riobaldo, ao ziguezaguear pelos sertões dos Gerais, desde menino e, especialmente, com os bandos de jagunços e seu grande amor, Diadorim. Nesse espaço ficcional se destacam três bacias hidrográficas de Minas Gerais: a do Rio São Francisco, que parte sua vida ao meio; a do Rio Pardo e a do Rio Jequitinhonha onde vários episódios de sua vida se desenrolam. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a importância e a função da hidrografia como suporte para o espaço ficcional da obra Grande Sertão: veredas de João Guimarães Rosa, dando sentido à complexa e conflituosa trajetória do seu principal personagem, Riobaldo. A abordagem metodológica privilegiou um estudo analítico-sintético com a realização de leituras e análises da obra já citada e de outros autores que analisaram e escreveram sobre o tema.

**Palavras-chave:** Hidrografia. Trajetória de Riobaldo. Grande Sertão: veredas. Literatura brasileira

---

<sup>1</sup> O Texto é parte do Relatório Final de Pesquisa: “Pelo Sertão”: geografia, aforismos e filosofia na obra de Guimarães Rosa, Montes Claros, 2012. Financiada pela FAPEMIG.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup>. Doutoranda – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas, Dinter, professora do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Nonada – GPIN. marina.carneiro@unimontes.br marinabcarneiro@yahoo.com.br

## HYDROGRAPHY IN THE TRAJECTORY OF RIOBALDO IN “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”

**Abstract:** In the narrative of Grande Sertão: veredas realizes the great importance of hydrography revealing the paths traversed by Riobaldo, the zigzag by hinterlands of General, since he was a kid and, especially, with the gangs of roughnecks and his great love, Diadorim. In this fictional space are three watersheds of Minas Gerais: the São Francisco River, that part your life in half; the Rio Pardo and the Jequitinhonha River where several episodes of his life unfold. In this context, this work has as objective to analyze the importance and role of hydrography as support for the fictional space work Grande Sertão: veredas by João Guimarães Rosa, giving meaning to complex and contentious trajectory of its main character, Riobaldo. The methodological approach has opted analytic-synthetic study with readings and analysis of the work already cited and other authors who analyzed and wrote on the subject.

**Keywords:** Hidrography. Trajectory of Riobaldo. Grande Sertão: veredas. Brazilian literature.

### Introdução

Na narrativa do Grande Sertão: veredas, além de apresentar com clareza múltiplos espaços inter-relacionados: geográfico, físico, social, mítico, religioso, filosófico, psicológico e literário, percebe-se, a partir de uma realidade regionalizada, a grande importância da hidrografia como suporte para o espaço ficcional da obra, emoldurando, balizando e revelando os caminhos percorridos por Riobaldo, desde menino e, especialmente, como jagunço, ao ziguezaguear pelos sertões dos Gerais com os bandos de jagunços e seu grande amor, Diadorim.

Ao longo da narrativa são citados, nominalmente, mais de noventa rios, ribeirões, córregos e riachos, sendo que quase a totalidade destes é possível de ser geograficamente cartografada. Entre estes, cerca de 27 são citados mais de uma vez, dentre eles destacam-se: o Rio São Francisco (em torno de 38 vezes), o Rio Urucúia (36 vezes), o Rio Paracatu (15), o Rio “de-Janeiro”

(11), o Rio das Velhas (8), o Rio Jequitaiá (8), o Rio Carinhanha (7), o Rio Abaeté (6), o Rio Pardo (4), o Rio Riachão (4), o Riacho das Almas (3), o Riachinho do Jio (3), o Rio Verde Grande (3), o Rio do Sono (3) e os rios Piratinga, Acari, Borá, Arassuaí, Jequitinhonha, Canabrava, Preto, Formoso, Gameleiras, Jordão, São Marcos, os ribeirões Traçadal e da Barra (ou do Barro) e o Córrego Dinho são citados duas vezes cada. As referências a todos os rios, ribeirões, córregos e riachos que têm nomes próprios somam em torno de 245 citações.

As veredas aparecem, aproximadamente, 70 vezes ao longo da narrativa, dentre estas, umas dezenove, são citadas por nomes próprios, tais como: Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita, Vereda do Burití Pardo, Vereda-da-Vaca-Preta, Burití Altos, Vereda-do-Vitorino, Vereda do Alegre, Vereda Saco dos Bois, Veredas Tortas/Veredas Mortas na verdade Veredas Altas, Vereda Funda, Vereda da Ratragagem, Vereda do Enxú, Vereda Grande, Vereda do Ouriço-Cuim, Vereda-da-Aldeia, Vereda-Meã, Vereda do Saz, Vereda do Burití Pardo.

As veredas, assim como os rios,

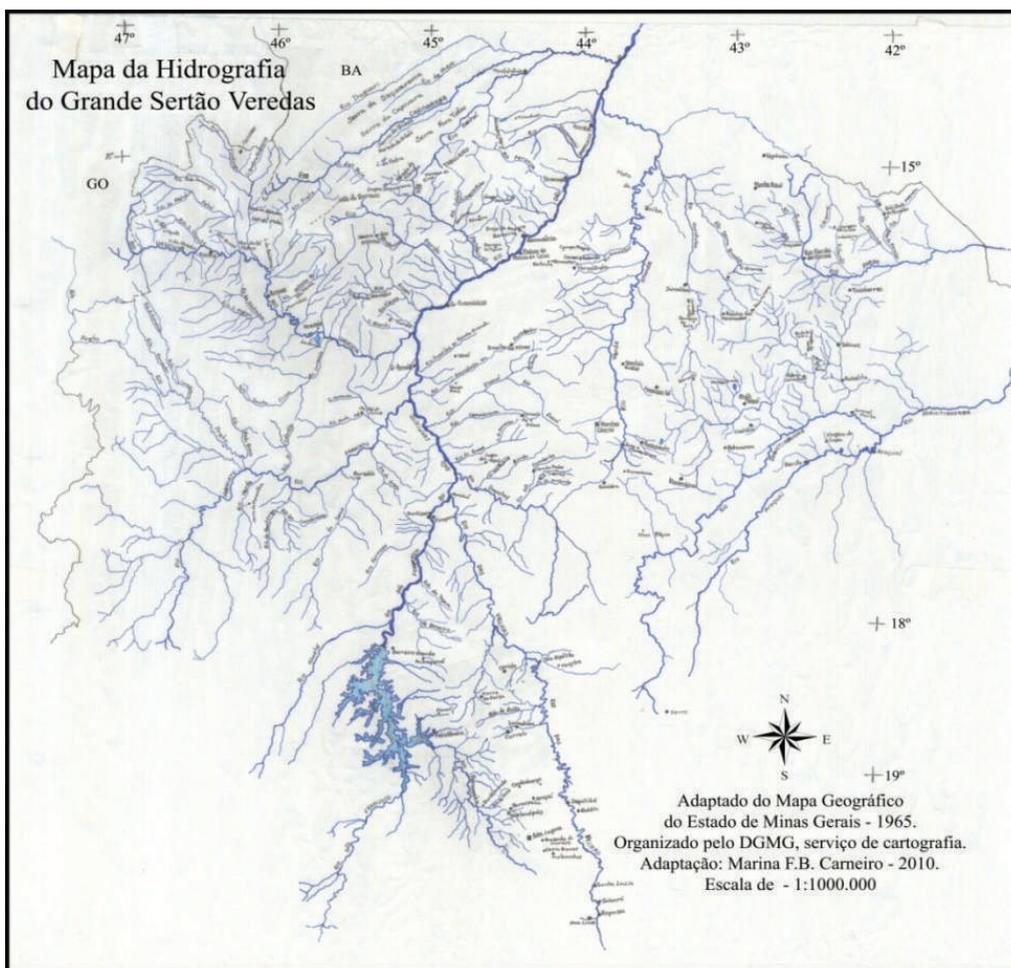
refletem e dão sentido à vida de Riobaldo, seus conflitos interiores, suas lutas, seu amor por Diadorim. Elas são os canais através dos quais Riobaldo busca um sentido para o vivido e o esclarecimento para suas experiências, suas travessias, caminhos da imaginação e da reflexão. São lugares onde os planos geográficos e psicológicos se sobrepõem e se entrelaçam na estrutura narrativa do Grande Sertão: veredas (CANEIRO, 2003).

Além disso, Riobaldo afirma que existem muitos rios e veredas com o mesmo nome, como descrito a seguir:

E tanta explicação dou, porque muito ribeirão e vereda, nos contornados por aí, redobra nome. Quando um ainda não aprendeu, se atrapalha, faz raiva. Só Preto, já molhei mão nuns dez. Verde, uns dez. Do Pacarí, uns cinco. Da Ponte, muitos. Do Boi, ou da Vaca, também. E uns sete por nome de Formoso. São Pedro, Tamboril, Santa Catarina, uma porção. O sertão é do tamanho do mundo (ROSA, 2001, p. 89).

Vários outros elementos ligados à hidrografia do “Grande Sertão: veredas” são citados com bastante frequência e têm grande relevância no espaço ficcional da obra sem qualquer denominação específica, são eles: brejos, lagoas, regos, riachos, buritizais (aludindo às veredas), poços, cachoeiras, corgos, corguinho, resfriado, marimbús, brejão, ribeirão, aguada, cacimba d’água, bacia, varjal, várzea, dentre outros.

O Mapa 1, a seguir, representa as principais bacias hidrográficas que foram os palcos da vida e atuação dos jagunços do Grande Sertão: veredas, emoldurando e dando sentido à complexa e conflituosa trajetória do seu principal personagem, Riobaldo; abrangendo largos espaços dos sertões dos Gerais; no Norte, Noroeste e parte do Jequitinhonha em Minas Gerais e na divisa com o Sul/Sudoeste da Bahia.



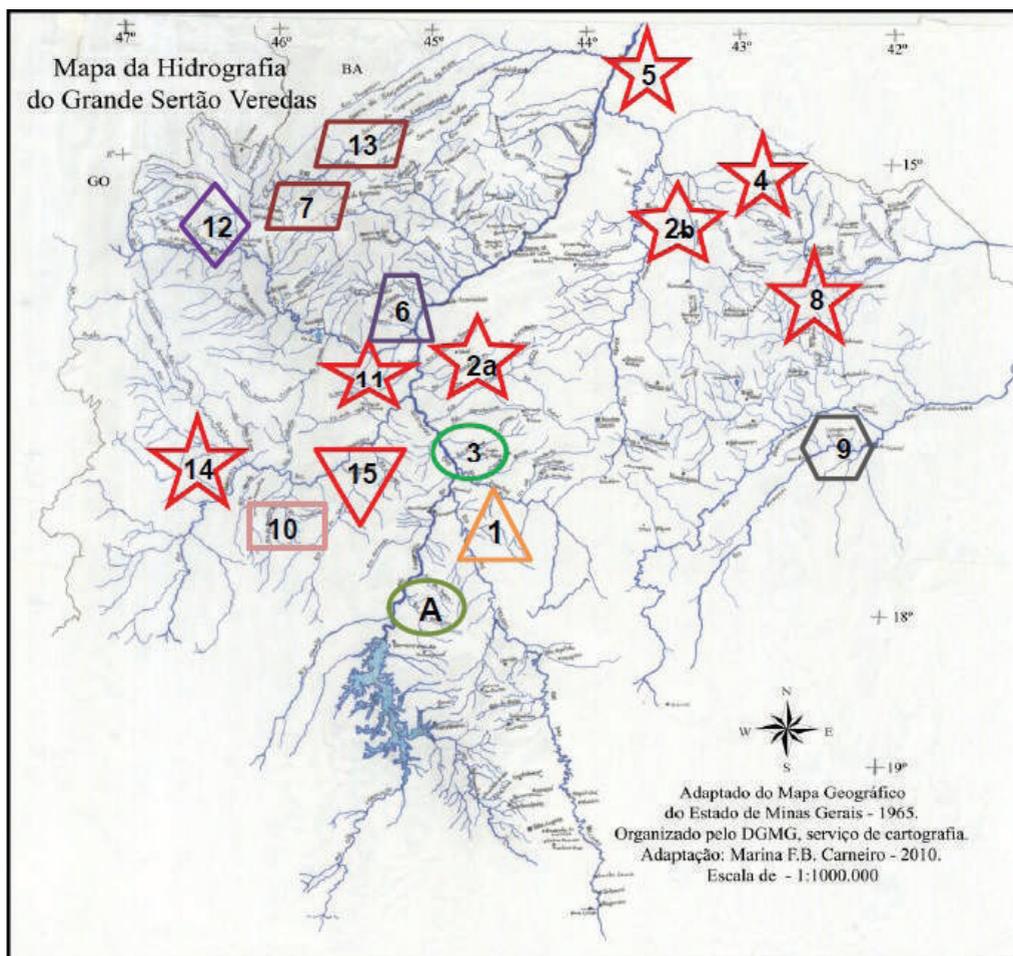
## A trajetória de Riobaldo

A trajetória do jagunço Riobaldo está ligada aos rios e veredas que se configuram como seus verdadeiros caminhos, os quais possibilitam e permeiam a sua travessia pela vida e pelos sertões dos Gerais. Neste sentido, destacam-se as bacias do Rio São Francisco, a mais importante, uma vez que este rio é referência principal na trajetória dos grupos de jagunços e, especialmente na do Riobaldo; a do Jequitinhonha, especialmente na área do seu alto médio curso, margem esquerda; e a do Rio Pardo, na margem direita, região de sua alta bacia. Na bacia do Rio São Francisco salienta-se a importância das sub-bacias do Paracatu, das Velhas, do Jequitaí, do Verde Grande, do Carinhonha e do Urucúia – uma de suas paixões.

Neste contexto, Riobaldo afirma, em dado momento da narrativa, que “o São Francisco partiu minha vida em duas partes” (2001, p. 326). Desta forma, pode-se perceber, em toda a narrativa, que do lado da margem direita do São Francisco desenvolve-se a sua vida antes e depois da jagunçagem, além de alguns combates entre sua vida de jagunço contra os homens da Lei, soldados, policiais. O lado da margem esquerda é o grande espaço de lutas, tanto de seus conflitos pessoais, internos, existenciais, quanto de perseguições entre grupos de jagunços; os grupos de Riobaldo e Diadorim contra os judas, grupos do Hermógenes e Ricardão, para vingar a morte do grande chefe Joca Ramiro, pai de Diadorim.

Entretanto, a sua grande paixão é o Rio Urucúia. Ele expressa essa paixão em vários momentos da narrativa, como por exemplo: “[...] meu, em belo, é o Urucúia – paz das águas...É vida!” (p. 43); “Viemos pelo Urucúia. Rio meu de amor é o Urucúia. O chapadão – onde tanto boi berra. Daí, os gerais, com o capim verdeado” (p. 89); “Ah, o meu Urucúia, as águas dele são claras certas” (p. 322).

As bacias hidrográficas com suas redes de drenagem e as veredas são elementos de grande relevância no espaço ficcional da obra, sempre presentes na narrativa, ao emoldurar e revelar vários momentos importantes da vida de Riobaldo, antes e durante o tempo em que foi jagunço, conforme enumerados no Mapa 2, e descritos a seguir.



**A** Região em que Riobaldo viveu sua adolescência e onde encontra, pela primeira vez, com o “menino”: Diadorim/Reinaldo, no Porto do Rio-de-Janeiro, afluente do rio São Francisco.

**1** Início da vida de jagunço. Margem do rio das Velhas, na barra do córrego Batistério, município de Várzea da Palma.

**2a e 2b** Começam os combates contra Zé Bebelo que é ajudado pelos soldados do governo.

Em sucessivos combates estes vão empurrando os jagunços para o norte, paralelamente ao rio Verde Grande até a divisa com a Bahia,

onde os “zebebelos” são finalmente derrotados, Zé Bebelo é julgado e cada grupo de jagunços toma um rumo. Riobaldo e Diadorim com outros jagunços voltam em direção ao rio Jequitaiá.

 3 Guararavacã do Guaicui: local onde os destinos de Riobaldo foram fechados, onde se revela o seu amor por Diadorim, o qual é reprimido por achar que estava apaixonado por outro homem. Aí permanecem por dois meses até a chegada da notícia do assassinato de Joca Ramiro, pai de Diadorim e grande chefe dos jagunços.

 4 e 5 Tentativa de reunir os bandos de jagunços no Alto do Amoipira, município de Grão Mogol, para vingar a morte de Joca Ramiro combatendo os judas – bandos do Hermógenes e Ricardão, mas são dispersos, mais uma vez, pelos soldados, rumo ao norte. Encarniçados combates à altura do rio Verde-Pequeno nos municípios de Espinosa e Monte Azul e do córrego da Malhada Grande, na Bahia, junto ao rio São Francisco, próximo à cidade de Carinhanha.

 6 Parte do bando de jagunços foge rumo à barra do Urucúia e atravessa para a margem esquerda do rio São Francisco para encontrar o bando de Medeiro Vaz, que comanda o grupo, e juntos, seguem rumo ao norte para combater os judas. No distrito de Serra das Araras, fazenda Santa Catarina, Riobaldo conhece Otacília, por quem se apaixona, e que vem a ser sua esposa ao deixar a jagunçagem.

 7 No alto Carinhanha ocorre a primeira tentativa de atravessar o Liso do Sussuarão para combater “os hermógenes”; não conseguem; em seguida têm notícias da perda de companheiros importantes: Sô Candelário, Alípio e outros.

 8 Voltam para a margem direita do São Francisco, lutam novamente com os soldados, nos municípios de Itinga, Salinas e Rio Pardo de Minas, perdendo a luta, pois estavam inferiorizados em homens e munições; dispersam-se em grupos de dois ou três homens para safar-se.

 9 Riobaldo segue com Sesfrêdo para a região de Arassuaí, onde permanecem durante um tempo trabalhando como garimpeiros, no córrego do Cansação. Daí retornam rumo ao Urucúia para encontrar

o bando de Medeiro Vaz; não o encontrando, seguem rumo ao Paracatu.

**10** Na beira do rio do Sono encontram o chefe já quase morto. Aqui chega Zé Bebelo, que entra na jagunçagem para ajudar a vingar a morte de Joca Ramiro. Antes de morrer, Medeiro Vaz indica Riobaldo como chefe do grupo, mas este não aceita; Zé Bebelo assume o comando.

**11** Num combate contra os judas, no município de São Romão, próximo ao ribeirão Galho da Vida, Riobaldo é ferido.

**12** O bando segue para o chapadão do Urucúia e se perde até encontrar o arraial dos catrumanos e o do Sucuriu. Em seguida ocupam uma fazenda abandonada, que pertencia a um tal de seo Habão. Ali, próximo às “Veredas Mortas” (na verdade Veredas Altas), o bando fica vários meses e Riobaldo, doente entra em crise, decide depor Zé Bebelo e assume a chefia com o nome de Urutú-Branco. Faz um suposto pacto com o Diabo e passa o resto da vida a interrogar da sua existência ou não.

Das margens direita do Paracatu, com seu exército organizado, Riobaldo decide subir rumo ao norte para atravessar o Liso do Sussuarão e atacar a fazenda do Hermógenes, na Bahia, e voltar através de Goiás para surpreender o inimigo.

**13** O bando chega ao Liso do Sussuarão e o atravessa sem problemas. Ataca a fazenda do Hermógenes e aprisiona sua mulher e a trazem junto para atrair o assassino de Joca Ramiro.

**14** Entre Paracatu e João Pinheiro acontece o primeiro encontro dos dois bandos, num lugar chamado Vereda do Tamanduá. Aí morre um dos judas, Ricardão. Riobaldo parte para a localidade de Paredão onde aguarda o Hermógenes para enfrenta-lo.

**15** No Paredão, às margens do rio do Sono, afluente do Paracatu, acontece o combate final e Diadorim morre ao lutar corpo a corpo com o Hermógenes. Terminado o combate, se revela o seu segredo: Diadorim era uma jovem que foi criada como homem, desde menina, para enfrentar as duras guerras no sertão. Riobaldo se desespera, extremamente triste por ter perdido o seu grande amor; resolve deixar a vida de jagunço.

A partir de então, Riobaldo procura conhecer alguém que tenha conhecido Diadorim quando menina; nesta busca, encontra o seu batistério na Igreja Matriz de Itacambira e relata o fato da seguinte forma:

Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... Reze o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? (2001, p. 620-621).

## **Considerações Finais**

Riobaldo termina a sua longa trajetória, cheia de conflitos interiores, de dúvidas, de indagações, de mitos, de temores, de amores, de lutas e de vivência pelos sertões dos Gerais, “quase barranqueiro”, “com ordem e trabalho”.

## **Referências**

CARNEIRO, M. de F. B.. Veredas: as “veias abertas” do grande sertão rosiano. 2011. Resumo apresentado ao III Seminário de Pesquisa em Literatura e Criação Literária, Montes Claros, 2011. Não publicado.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. O Léxico de João Guimarães Rosa. – 3. ed. revista – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NETO, Germano; MENESES, Adélia Bezerra de (seleção de textos). Saudades de Rosa e Sertão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 19 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

**Recebido para publicação em setembro de 2014**  
**Aceito para publicação em novembro de 2014**

